

“Nacionalistas e otimistas”: o progresso da ciência no Brasil entre o Instituto Butantan e a SBPC (1949-1964)

Bruna Silva¹

Resumo: Este artigo analisa a relação entre o Instituto Butantan e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) no período de 1949 a 1964. A fundação do Instituto Butantan teve um impacto direto na criação e desenvolvimento da SBPC, contribuindo para as modificações da pesquisa científica no país. Ao longo do tempo, surgiram pontos de conflito entre os dois grupos, refletindo diferentes abordagens e interesses na promoção da ciência. A pesquisa se baseou na análise de documentação produzida em 2018 e 2019, a saber, dois livros comemorativos, são eles: *70 reuniões anuais da SBPC e Ciência para o Brasil: 70 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC*, além de registros de reuniões, correspondências e relatórios a fim de investigar os motivos da ruptura entre os dois grupos. As contribuições conceituais de Reinhardt Koselleck relacionadas aos conceitos de espaço de experiência e horizonte de expectativa foram fundamentais para a construção da análise historiográfica e documental.

Palavras-chave: Instituto Butantan; SBPH; Grupo; Ciência brasileira.

“Nationalists and optimists”: the progress of science in Brazil between the Butantan Institute and SBPC (1949-1964)

Abstract: This article analyzes the relationship between the Instituto Butantan and the Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC) from 1949 to 1964. The foundation of the Butantan Institute had a direct impact on the creation and development of the SBPC, contributing to changes in scientific research in the country. Over time, points of conflict emerged between the two groups, reflecting different approaches and interests in promoting science. The research was based on the analysis of documentation produced in 2018 and 2019, namely, two commemorative books: *70 reuniões anuais da SBPC e Ciência para o Brasil: 70 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC* in addition to meeting records, correspondence, and reports in order to investigate the reasons for the rupture between the two groups. The conceptual contributions of Reinhardt Koselleck related to the concepts of space of experience and horizon of expectation

¹ Pós-Doutora pela Universidade Federal de Ouro-Preto e Doutora pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. É professora colaboradora da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. Esta pesquisa foi realizada através INCT *Proprietas* com financiamento de bolsa para Pós-Doutorado Júnior no Brasil – CNPq e supervisionada pelo Prof. Dr. Valdeci Lopes de Araújo. brunasilva@unicentro.br.

were fundamental for the construction of the historiographical and documentary analysis.

Keywords: Butantan Institute; SBPH; group; Brazilian science.

Introdução

A pesquisa que é apresentada nesse artigo demanda alguns esclarecimentos no que diz respeito a sua estruturação. Embora o recorte temporal inicial tenha sido em 1949, quando ocorreu a I Reunião da SBPC, a pesquisa retrocedeu até o final do século XIX e início do XX, com a fundação e percurso do Instituto Butantan – IBu, já que a Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência - SBPC emergiu de uma segregação a partir do Instituto Butantan. Nesse recorte, a fundação da SBPC em 1948 foi tomada, portanto, como um ponto de inflexão.

Tomando por base o paradigma de escrita da História como problema, e entendendo que as questões dos historiadores são produções de um presente lançadas para o passado, os documentos elegidos para esta pesquisa são dois livros comemorativos aos 70 anos da SBPC publicados em 2018 e 2019, respectivamente, quando esta pesquisa começou a ser pensada e construída.

A partir da análise documental produzida no século XXI, a pesquisa retornou para o espaço temporal da fundação da SBPC, com questionamentos sobre os motivos que levaram a ruptura entre os dois grupos: De onde vieram os conflitos entre Adhemar de Barros e os diretores do IBu? Quem era Adhemar de Barros? Essas dúvidas levaram a pesquisas relacionadas a trajetória deste sujeito, suas ligações profissionais, tanto na medicina, quanto na política durante o governo de Getúlio Vargas e o interesse em capitalizar o instituto, criando assim, desentendimentos que fomentaram o que ficou conhecido como *O Caso Butantan* que será mencionado a diante.

Ao final do artigo, o leitor encontrará um retorno para a análise documental comemorativa, com destaque para o recorte das reuniões da SBPC o qual denominei como I fase, que centra nas temáticas discutidas pelos pesquisadores do grupo entre 1949 e 1964 pelo Brasil afora. Portanto, nesse cenário, os personagens históricos foram inseridos a fim de evidenciar seus percursos,

percalços e conflitos, perscrutando os tortuosos caminhos pelos quais as ações humanas se dão.

Publicações e encontros: entre memórias e histórias

Foi em um espaço de experiência² tenso e conflituoso, que uma primeira conversa ocorreu em maio de 1948, entre José Reis e Paulo Sawaya sobre a articulação da SBPC que, segundo Antônio Botelho foi fundamental no processo de profissionalização da ciência brasileira.³

A SBPC foi criada oficialmente no dia 8 de julho de 1948, em uma segunda reunião nas dependências da Associação Paulista de Medicina de São Paulo, com cerca de 60 pessoas [...].⁴ O objetivo da reunião era “[...] lutar pelo progresso e pela defesa da ciência em nosso país.”⁵ Daí em diante, o projeto foi encaminhado rapidamente na terceira reunião, na qual ocorreu a fundação oficial, e havia 111 participantes.

Esse grupo inicial foi definido por Maria Amélia Mascarenhas, como “uma geração de cientistas [...] profundamente nacionalista e otimista [que] estava convencida de que a ciência deveria ajudar a melhorar o país.”⁶ No artigo 1º da Ata de Fundação da sociedade ficou definido que “A SBPC tem fins científicos e educativos, sem fito de lucro, nem côm (sic) política ou religiosa.”⁷ Neste mesmo documento foi exposto o desejo da sociedade em filiar-se a outras associações com fins paralelos como “a Unesco, Federação Mundial de trabalhadores científicos, a Organização Mundial da Saúde e outros”.

² O termo mencionado se refere a um conceito cunhado por Reinhart Koselleck no livro *Futuro passado: contribuição a semântica dos tempos modernos*. No livro, o conceito foi usado em conjunto com outro: horizonte de expectativa. Sendo assim, espaço de experiência se refere ao contexto histórico, político e social no qual um sujeito histórico vive ou viveu, já horizonte de expectativa se refere a como esse sujeito projetou o seu futuro em um espaço de experiência. Ambos podem ser utilizados, como ferramenta metodológica de análise documental, como será demonstrado adiante.

³ BOTELHO, A. J. The professionalization of brazilian scientists, The Brazilian Society for the Progresso Science (SBPC), and the State (1948-1960). *Social Studies of Science*, v. 20, 1990.

⁴ CIÊNCIA CULTURA. Da SBPC. São Paulo, v. 1, n. 2, 1949. Disponível em < <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003069&pagfis=47>> Acesso em 26 mar. 2022. f.1

⁵ Idem, f.6.

⁶ Idem., op cit. p. 58.

⁷ ATA DE FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 1948, f.1. Disponível em < <http://sbpcacervodigital.org.br/handle/20.500.11832/2190>>. Acesso em 27 mar. 2022.

⁸Já, nas disposições gerais do documento ficou estabelecido que haveria a possibilidade de criação de divisões regionais da SBPC, essas regionais poderiam

[...] distribuir suas atividades científicas e culturais por seções especializadas, compreendendo, entre outras: a) Matemática; b) Física; c) Química; d) Geologia e Mineralogia; e) Biologia; f) Antropologia; g) Engenharia e Tecnologia; h) Ciências Médicas e farmacêuticas; i) Agricultura; j) Ciências econômicas e administrativas; l) Educação; m) Geografia e História.⁹

O diálogo da SBPC com as demais áreas de pesquisa se daria no campo de atuação das subdivisões regionais e não da sede da sociedade em São Paulo.

Passadas 7 décadas da fundação, uma série de materiais comemorativos foram produzidos pela própria sociedade que mantém, inclusive, um centro de memória sobre si. Dentre os materiais, destaco um dos livros comemorativos que será utilizado enquanto fonte e documento histórico, publicado em formato de *Portable Document Format* – PDF, pela Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência, sob título *70 reuniões anuais da SBPC*,¹⁰ em 2018. O livro contém 98 páginas e foi subdividido entre apresentação, reuniões anuais e regionais e especiais. A atenção da pesquisa foi voltada para o estudo das informações publicadas no referido material. A diagramação pela qual o livro foi apresentado é simples, e por vezes, até mesmo confusa ao apresentar as capas da programação e cartazes dos eventos em ordem aleatória. A própria capa do livro não contém nenhuma imagem, além do logotipo da própria sociedade.

Entre as publicações comemorativas da mesma sociedade, outro livro está disponível para acesso do público geral.¹¹ Este material está intitulado de *Ciência para o Brasil: 70 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC*, publicado em 2019. Também em PDF, e, diferentemente do livro anterior, possui uma diagramação profissional. O livro foi organizado por Helena Bonciani Nader, Vanderlan da Silva Bonzani e José Roberto Ferreira, com apoio da Fapesp.

⁸ Idem

⁹ Idem.

¹⁰ O livro está disponível no site http://portal.sbpnet.org.br/livro/70reunioesanuai_s.pdf. Acesso em 14 dez. 2022.

¹¹ A SBPC possui um centro de memória próprio. No site do Centro de Memória é possível acessar o livro no seguinte link: <http://portal.sbpnet.org.br/publicacoes/ciencia-para-o-brasil-70-anos-da-sociedade-brasileira-para-o-progresso-da-ciencia-sbpc/>. Acesso em 17 jan. 2023. Devido aos limites de um artigo, as imagens dos livros não foram colocadas no arquivo, no entanto, podem ser visualizadas nos respectivos links de acesso.

As 510 páginas foram divididas 15 capítulos que dissertam sobre a criação e funcionamento da sociedade.

Embora, não seja possível ler nas informações disponíveis no livro, a capa traz uma fotografia em preto e branco de um auditório repleto de pessoas em dois níveis, sendo o segundo, um mezanino. A fotografia feita por Messias A. Silva, foi produzida durante a reunião anual de 1977 marcada pela dificuldade de ser realizada devido às intempéries provocadas pelo estado civil-militar.¹²

Os organizadores do livro são pesquisadores das áreas da biomedicina, farmácia e jornalismo, respectivamente. Quanto aos autores, 24 foram listados, dentre eles José Sarney, Fernando Collor de Mello, Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff e Michel Temer que foram presidentes do Brasil entre 1985 e 2018 e que merecem uma análise a parte. Quanto aos demais, apenas dois autores têm formação em História, a maioria são da área do jornalismo, matemática e filosofia, o que chama a atenção por dois motivos, primeiro porque desde o final dos anos 1960 a SBPC tem no seu quadro de sócios a Associação Nacional de Professores de História - ANPUH e mais 43 outras sociedades da área de humanas que, junto com outras áreas, formam o que José Roberto Ferreira chamou de constelação científica.¹³ E, segundo, pelo fato, de que outros pesquisadores já haviam publicado trabalhos sobre a SBPC, como Jorge A. Nogared Cardoso, com tese defendida pela UFSC (2018) em educação intitulada de *Contribuições das reuniões anuais da SBPC*; Rosalvo Luz Costa, que analisou o conceito de discurso nos editoriais da *Revista Ciência Hoje*, periódico da SBPC em dissertação defendida em 2009 sob o título *Dialogismo e responsividade no discurso da SBPC: Análise de editoriais da revista Ciência Hoje na década de 1980*;

¹² A reunião Anual de 1977 foi um evento bastante conturbado, não apenas pelo fato das dificuldades em encontrar um local para a realização do evento por interferência do governo civil-militar, mas também por ter havido desentendimentos entre os pesquisadores no que diz respeito a participação de estudantes como sócios da SBPC. As discussões repercutiram entre os historiadores associados na ANPUH, sendo que, no mês seguinte, na reunião anual da ANPUH em julho de 1977, ocorreu um desmembramento entre os próprios historiadores com a criação da Sociedade Brasileira de História – SBPC, a partir de desentendimento relacionados a estudantes e professores secundarista. A fotografia e a reunião mencionadas foram analisadas em SILVA, Bruna. *Associações de historiadores no Brasil: a SBPH entre lugares normas e grupos (1961-2005)*. Tese (Doutorado em História). Marechal Cândido Rondon: PPGH, UNIOESTE, 2019.

¹³ FERREIRA, José Roberto. É SBPC, mas poderia ser também SCPB – Sociedade Científica para o Progresso do Brasil. In: NADER, Helena Bonciani; BOLZANI; Vanderlan da Silva; FERREIRA; José Roberto Ferreira. (Orgs). *Ciência para o Brasil: 70 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*. São Paulo: SBPC, 2019. p. 47.

e Marta Abdala Mendes que menciona o assunto na sua tese Defendida em 2006 com o seguinte título *Uma perspectiva histórica da divulgação científica: a atuação do cientista divulgador José Reis (1948-1958)*, pela Fiocruz. Temos ainda, o livro de Ana Maria Fernandes, publicado em 1989, *A construção da ciência no Brasil e a SBPC*, resultado de sua pesquisa de doutorado e premiado pela SBPC.

Ainda sobre a publicação em questão, um processo de levantamento bibliográfico e consulta mais criteriosa aos textos historiográficos, traria à tona outros grupos de pesquisadores anteriores a SBPC. Assim, embora José Roberto Ferreira tenha afirmado que a SBPC teria sido o primeiro grupo com o interesse científico no Brasil, deixou passar despercebido o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB, fundado em 1838, que tinha como interesse inicial a preocupação com a história brasileira. Fato esse, que levou a historiadora Lilia Moritz Schwarcz a definir o instituto enquanto um grupo de intelectuais que, a partir de 1842, quando Dom Pedro II passou a financiar esses pesquisadores, executou pesquisas pelo Brasil. Neste contexto, o próprio D. Pedro II teria proferido a frase “a ciência sou eu”.¹⁴

Vale salientar que, o IHGB fundou a primeira revista científica do país, sendo o lugar fundante da historiografia brasileira, atuando solitariamente até 1862, quando foi fundado o Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco - IAHGP, seguidos de outros institutos em São Paulo e Minas Gerais em 1894 e 1907. Sendo assim, a afirmativa de que “as sociedades científicas começaram a ser criadas no Brasil na primeira metade do século XX”,¹⁵ levando em consideração apenas as áreas das ciências naturais como a Biologia, Botânica, Entomologia e Química, são questionáveis. Por outro lado, é bem verdade que, a partir da década de 1930, com as primeiras universidades, houve uma aceleração da pesquisa científica ligada a estes lugares.

¹⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador D. Pedro II*, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 142.

¹⁵ FERREIRA, José Roberto. É SBPC, mas poderia ser também SCPB – Sociedade Científica para o Progresso do Brasil. In: NADER, Helena Bonciani; BOLZANI; Vanderlan da Silva; FERREIRA; José Roberto Ferreira. (Orgs). *Ciência para o Brasil: 70 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*. São Paulo: SBPC, 2019. p. 37.

O livro *70 Reuniões da SBPC*, já estampa na sua abertura o trecho de um discurso proferido na XVIII Reunião Anual que ocorreu em Blumenau – SC no ano de 1966. O enunciado foi proferido pelo médico e cientista Maurício Rocha e Silva, que compõe a lista de presidentes de honra da sociedade:¹⁶

Todos que comparecem às Reuniões Anuais da SBPC sabem que vêm para contribuir com alguma coisa. Não obstante a cordialidade e alegria reinantes, trata-se de uma reunião séria, em que se trata de coisas muito importantes para o País e basta relancear os olhos pelo Programa... para avaliar a importância dos temas a serem tratados, nos simpósios, nas comunicações originais... para se ter uma ideia nítida do que são os grandes problemas do País que estão sendo discutidos, com o objetivo de se obterem soluções concretas para cada caso.¹⁷

Rocha e Silva classificou o encontro como uma reunião séria, a ponto de considerar o evento responsável por tratar de assuntos pertinentes à uma nação, local onde seriam determinadas soluções concretas para os problemas do Brasil. Segundo ele, isso poderia ser observado rapidamente apenas em um passar de olhos na programação do evento. Embora o livro não traga a programação, é possível verificar o levantamento de assuntos escolhidos ao longo dos primeiros dezesseis anos da SBPC feita a partir do livro comemorativo aos 70 anos da sociedade e mencionados a seguir.

Para fins metodológicos, foi realizada uma divisão dos encontros dentro do recorte temporal de 1949 a 1985 em duas fases. A primeira, desde a criação com a primeira reunião anual da SBPC em 1949 até 1964, quando se deu o golpe civil-militar no país; já a segunda fase vai de 1965 até 1985 com a redemocratização. Este artigo limita-se a discutir apenas a primeira fase, pois esse recorte permite analisar e perceber com mais clareza as mudanças de nuances que a sociedade passou ao longo dos anos, no que diz respeito aos temas debatidos, cidades em que as reuniões aconteceram, utilização das imagens nos cartazes e perscrutar se

¹⁶ Médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ele foi considerado uma das maiores autoridades científicas e acadêmicas da história recente do Brasil. Rocha e Silva descobriu a bradicinina usada em medicamentos de controle da hipertensão. Foi também professor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Um dos fundadores da SBPC, foi membro fundador da Sociedade Brasileira de Fisiologia (1957) e da Sociedade Brasileira de Farmacologia e Terapêuticas Experimentais (1966). Cf: < <http://portal.sbpnet.org.br/a-sbpc/historico/presidentes-de-honra/mauricio-rocha-e-silva-1910-1983/>>. Acesso em 15 dez. 2022.

¹⁷ SBPC. *70 Reuniões anuais da SBPC*. SBPC: São Paulo, 2018. p. 6.

houve impactos e aproximação entre as ciências humanas e a SBPC nesse primeiro cenário.

Remetendo-nos à documentação com um olhar teórico, a partir de conceitos cunhados por Reinhart Koselleck, percebe-se a trajetória que levou à criação do IBu¹⁸ até o desmembramento de um grupo de pesquisadores criando a SBPC, o que inclui questões políticas, culturais, sociais, disputas e desentendimentos. Esse contexto é tomado aqui como um *espaço de experiência*, um passado específico e, nesse ponto no passado é possível identificar um *futuro passado*. Em outras palavras, a documentação aponta vestígios do passado, que permitem conjecturar a respeito de uma idealização para o futuro da SBPC. Essa projeção é chamada por Koselleck de *horizonte de expectativa*. O caráter otimista, nacionalista e o desejo de “melhorar do país”, de agremiar outros grupos e regiões, são projeções feitas no passado e direcionadas para um futuro desejável, que supostamente, estava por vir. O *tempo* aqui não é uma mera palavra, mas uma categoria fundamental. A História é fabricada no tempo e disserta sobre ele e sua passagem. Ao historiador cabe decifrá-lo, não só como uma grandeza, mas como um objeto de estudo.

“Serpentes em crise”: O caso Butantan e a fundação da SBPC

Conforme Marta Abdala mencionou em sua tese,¹⁹ a SBPC fora criada a partir de desavenças com o governador de São Paulo no final dos anos 1940, quando este demonstrou interesse em transformar o Instituto Butantan em uma instituição apenas produtora de soros anti-ofídicos, reduzindo então, a pesquisa básica no Instituto. (Idem) Tal resolução teria causado o repúdio de um grupo de pesquisadores ligados ao IBu.²⁰

Tomando o IBu como um espaço congregador de pesquisadores e o novo grupo que se formaria, é pertinente apontar a constatação que Jean François-Sirinelli fez sobre os estudos que envolvem grupos de pesquisa, intelectuais e

¹⁸ A partir deste ponto do texto a sigla IBu será utilizada para se referir ao Instituto Butantan.

¹⁹ MENDES, Marta Ferreira Abdala. *Uma perspectiva histórica da divulgação científica: a atuação do cientista divulgador José Reis (1948-1958)*. (Doutorado em História). Rio de Janeiro: FioCruz, 2006. p. 141.

²⁰ A partir deste ponto, sigla IBu será utilizada para se referir ao Instituto Butantan.

revistas científicas. Para ele, os grupos estão situados no “cruzamento das histórias política, social e cultural. Por isso, é necessário que o pesquisador se dedique-se sobre a documentação a fim de realizar uma arqueologia do grupo estudado percebendo os laços que se ataram e formaram “esse pequeno mundo estreito.”²¹

Levando estes apontamentos em consideração, faz-se necessário retroceder em relação ao ano em que a SBPC foi criada oficialmente, 1948, a fim de elucidar que os conflitos entre Adhemar de Barros e o Instituto Butantan não nasceram no momento citado, mas ainda nos anos 1930. Por isso, serão mencionados alguns personagens importantes nesse conflito, a começar pelo próprio Barros, que exerceu cargos políticos como interventor, deputado e governador. Em todos esses momentos Barros esbarrou em conflitos com o IBu e seus diretores, Afrânio do Amaral, Vital Brazil e Eduardo Vaz. Há ainda, outro nome importante nesse cenário, o de Artur Neiva que foi diretor do Serviço Sanitário em São Paulo no início da década de 1910 e que, portanto, emitia ordens ao Butantan.

Os caminhos que levaram até o ato da criação da SBPC, foram marcados por divergências políticas ligadas à litígios e conexões muito mais amplas do que apenas divergências, com o então governador de São Paulo. Adhemar de Barros, era dono de uma personalidade política e histórica bastante controversa e marcante. Possuía formação médica e exercia a sua profissão “[...] em um consultório na Praça de Sé, nº14, no centro paulistano [...]”²² quando em julho de 1932, com o início da Revolução Constitucionalista, se alistou para compor o quadro de combatentes como segundo sargento-médico da “2ª divisão de Infantaria, atuando nas praças de Lorena e Aparecida, onde foi promovido a capitão”.²³ Contudo, a investida não logrou êxito, Barros partiu em exílio, passando pelo Paraguai e Argentina, onde teceu relações com líderes da Revolução, e conseqüentemente, começou a se interessar por assuntos políticos.

O então médico e agora ex-militar se aproximou de Vargas devido ao relacionamento com homens de confiança do então presidente, em especial Filinto

²¹ Idem.

²² COTTA, Luíza Cristina V. *Adhemar Barros 1901-1969*: a origem do “rouba, mas faz”. Dissertação (Mestrado em História econômica) 128f. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. p. 15.

²³ Idem, p. 17.

Müller²⁴ que era descendente de alemães nascido em Cuiabá – MT, em uma família de políticos e interventores, foi nomeado por Vargas e tinha fortes relações com as concepções fascistas. Dentre diversos cargos que ocupou, na década de 1930 foi chefe da Polícia do Distrito Federal. Barros também se aproximou de Dulcídio do Espírito Santo,²⁵ nascido igualmente de uma família de militares e políticos. Ao longo de sua carreira tornou-se secretário de segurança de São Paulo no final da década de 1930.

Findado o período de exílio, Adhemar de Barros voltou ao Brasil e se filiou ao Partido Republicano Paulista – PRP sendo eleito deputado pelo 5º Distrito eleitoral. Segundo Luiza C. V. Cotta, foi ele quem inaugurou um estilo político polêmico: “Homenageou combatentes da Revolução de 1932, defendeu presos políticos, questionou a condução da economia pelo governo federal, em particular no setor cafeeiro.”²⁶ Também inaugurou o *slogam* “rouba, mas faz”, já que ganhou fama por empreender na política ao mesmo tempo que não primava pelo uso da honestidade no bom uso das verbas dos cofres públicos. Tal postura chegou a render marchinhas, financiadas pelo “[...] departamento musical do Partido Social Progressista (PSP), agremiação fundada e controlada por Adhemar”,²⁷(Idem, p. 8) como a chamada *Caixinha do Adhemar* de Herivelto Martins e Benedito Lacerda.²⁸

Três anos depois, em 1934, o seu mandato foi cassado através de um decreto emitido pelo Estado Novo, mas Vargas devolveu o poder político a ele, através do cargo de Interventor Federal do Estado de São Paulo, período em que

²⁴ Filinto Müller foi um “[...], o militar ganhou grande destaque como chefe da polícia. Comandou ordens de prisão e sessões de tortura, ganhando fama de bárbaro. Ficou conhecido internacionalmente após a varredura encomendada por Vargas, que resultou na deportação da comunista judia Olga Benário, onde foi executada em 1942, num campo de concentração” Cf. <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/filinto-muller-o-torturador-sobre-o-qual-nao-lembramos.phtml>>. R. S. Rose, dedicou uma pesquisa biográfica à ele intitulada de *O homem mais perigoso do país*.

²⁵ “Dulcídio do Espírito Santo Cardoso nasceu em Lapa (PR) no dia 5 de novembro de 1896, filho de Augusto Inácio do Espírito Santo Cardoso e de Ana Fernandes Cardoso. Seu pai foi ministro da Guerra de junho de 1932 a dezembro de 1933, durante o governo provisório presidido por Getúlio Vargas. Seu irmão, Ciro do Espírito Santo Cardoso, foi chefe do Gabinete Militar (1951-1952) e ministro da Guerra (1952-1954) de Vargas, comandante do IV Exército (1957-1959) e chefe do Departamento Geral do Pessoal do Exército (1959).” Cf. <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CARDOSO,%20Dulc%C3%ADdio%20do%20Esp%C3%ADrito%20Santo.pdf>>

²⁶ COTTA, Luiza Cristina V. *Adhemar Barros 1901-1969*: a origem do “rouba, mas faz”. Dissertação (Mestrado em História econômica) 128f. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. p. 117.

²⁷ Idem, p. 8.

²⁸ A canção pode ser ouvida em <<https://www.youtube.com/watch?v=zlK1zhAUupo>> Acesso em 29 dez. 2022.

“[...] comprou uma briga homérica com Afrânio do Amaral, na ocasião diretor do IBu, acusando-o de graves desvios, e de orquestrar uma campanha para denegrir a obra científica de Vital Brazil em São Paulo.” que era um dos fundadores do IBu e que havia deixado o cargo de diretor recentemente. Afrânio Pompílio Bransford Bastos do Amaral, por sua vez, foi diretor do IBu em dois momentos, nos interstícios de 1919 a 1921 e 1928 a 1938, e assim como Barros, era médico. Sua carreira acadêmica foi extensa: formado pela Universidade Federal da Bahia, e doutor pela Universidade de Harvard, consultor da Organização Mundial da Saúde e da Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica em Londres.

O episódio de conflitos entre os dois ficou conhecido como o *Caso Butantan* e remontam a conflitos de natureza interna do IBu entre os anos de 1920 e 1940 e, portanto, relacionada as primeiras décadas de funcionamento do instituto quando ainda era coordenado por Vital Brazil. Cabe comentar que Brazil (1865-1950) era médico sanitaria e pesquisador. Foi contratado em 1891 para integrar o Serviço de Saúde Pública do Estado de São Paulo. Em 1889 passou a se dedicar ao combate de peste bubônica, com epicentro em Santos. Em consequência a esse evento sanitário, o estado de São Paulo criou um laboratório de soro antipestoso na Fazenda Butantan, local onde Brazil passou a residir com a família; em seguida o laboratório passou a ser um instituto de pesquisa.²⁹ Segundo a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, “O laboratório ganhou autonomia em 1901, com o nome de Instituto Soroterápico e em 1928 mudou oficialmente para Butantan, como era chamado desde o início.”³⁰

No entanto, em 1916, com a mudança na diretoria do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo para as mãos de Artur Neiva, foi formulada uma nova proposta para o Instituto, ainda na gestão de Brazil, com o objetivo de obter recursos a partir de uma parceria com a Casa Ambrust, que atuaria como revendedora da produção, pois que “A direção do Butantan e os representantes do governo acreditavam que a venda dos produtos da instituição, por meio de uma casa comercial era a

²⁹ FRAZÃO, Dilva. Vital Brazil. *Ebiografia*. Disponível em https://www.ebiografia.com/vital_brazil/ Acesso em 05 jan. 2022.

³⁰ Cf.: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/metamorfoses-continuas/>>

oportunidade de captar recursos para investir na própria instituição”.³¹ Contudo, a respeito desta estratégia em específico, Brazil fez um balanço negativo, afirmando que “[...] as despesas ultrapassaram a receita.”³² Além disso, haviam outros desentendimentos relacionados a “[...] ostentação do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo que foram definitivos para o seu afastamento. [Se referindo a Vital Brazil]”³³

Tal afastamento gerou uma série de conflitos, pois, paralelamente, foi criado outro instituto de pesquisa no Rio de Janeiro, o Instituto Vital Brazil na cidade de Niterói, com características privadas de administração e funcionamento. Os embates ficaram ainda mais acirrados pelo fato de Brazil ter levado consigo alguns pesquisadores que integravam o quadro do Instituto Butantan.³⁴ Essa segregação ruiu as iniciativas empreendedoras que Artur Neiva havia tentado implantar. Nesse panorama, quem assumiu a direção do Butantan foi Afrânio do Amaral. Durante a segunda gestão, outras questões importantes alteraram os rumos da instituição e do próprio Amaral.

Com a Revolução de 1930, a consequente derrota de Washington Luiz e a candidatura de Júlio Prestes, se desenhou uma crise política que culminou no fim da República Velha, que, somada a crise financeira de 1929, “[...] colocou São Paulo sob a intervenção federal. A primeira delas foi a nomeação do Tenente João Alberto Lins de Barros como interventor”³⁵ entre 1930 e 1931. Já, em 1934 Adhemar de Barros, depois de voltar do exílio, foi nomeado como deputado estadual de São Paulo. É nesse cenário que as trajetórias de Adhemar de Barros e Afrânio do Amaral se intersectam, tendo como ponto central o Instituto Butantan, culminando no já mencionado *Caso Butantan* entre os anos de 1936 e 1937.

³¹ ACOSTA, Sabrina. Vital Brazil e o caso da Casa Armbrust, as relações entre a ciência, os cientistas e a gestão em Saúde Pública. *Cadernos de História da ciência*. São Paulo: Instituto Butantan.v.10 n.1, 2014.

³² INSTITUTO BUTANTAN. *Relatório de gestão*. São Paulo: Casa da Memória do Instituto Butantan, 1918.

³³ IBAÑEZ, Nelson; ALVES, Olga Sofia Fabergé. Afrânio do Amaral, conflitos entre a ciência e a política. *Caso Butantan. Cadernos de História da ciência*. São Paulo: Instituto Butantan. V14 n1, 2021. p. 08.

³⁴ “Sua primeira gestão à frente do instituto terminou em 1919, quando, descontente com a dificuldade em manter e contratar funcionários, por causa dos salários baixos, aceitou o convite do governo do Rio de Janeiro para criar, na capital fluminense, o Instituto de Higiene, Soroterapia e Veterinária, logo renomeado como Instituto Vital Brazil e, anos depois, transformado em instituição privada. O médico voltou a São Paulo em 1924 e, por mais três anos, dirigiu o Butantan.” (Cf. <https://revistapesquisa.fapesp.br/metamorfoses-continuas/>. Acesso em 06 jan. 2023.)

³⁵ IBAÑEZ, Nelson; ALVES, Olga Sofia Fabergé. Afrânio do Amaral, conflitos entre a ciência e a política. *Caso Butantan. Cadernos de História da ciência*. São Paulo: Instituto Butantan. V14 n1, 2021. p. 15.

Quando deputado, Barros questionou a idoneidade de Afrânio do Amaral. Houve ainda a acusação de negligência sobre a morte de José Lemos Monteiro e Edson Dias “[...] ambos contaminados durante a execução de uma das fases da preparação de uma vacina contra tifo exantemático [...] trechos do Relatório de Gestão indicam possíveis aproveitamentos indevidos de trabalhos desses cientistas por parte do diretor.”³⁶

Além disso, ainda há relatos de desentendimentos internos que envolveram Sebastião Calanzans e Vital Brazil. Calanzans criticou o IBu, “afirmando ter encontrado vacina contaminada com estreptococos, além de perda na concentração de soros [...]”.³⁷ Como se não bastasse todo esse imbróglio, vieram à tona, relações de Amaral com Monteiro Lobato, que havia fundado em 1931 o Sindicato Nacional de Indústria e Comércio, que não obteve êxito, porém no fim da década seguinte, 1947, obteve autorização para funcionar como Companhia de Mineração Nacional de Ferro Puro.³⁸ A relação foi questionada devido a forma pela qual os pesquisadores do IBu foram envolvidos pela Companhia e com a condução que Afrânio deu ao processo.

Apesar de todo esse *qui pro quo*, o envolvimento de Afrânio do Amaral não foi comprovado na maioria das acusações. Para Ibañez e Alves “[...] o caso foi gerado por divergências entre o diretor e seus desafetos internos e externos, e [...] essas divergências foram utilizadas politicamente”.³⁹ Em 1941, Amaral publicou um livro intitulado *Serpentes em crise – à luz de uma legítima defesa no caso Butantan*, no qual explicitou as suas justificativas e identificou como ponto central “[...] a disputa entre o interesse coletivo de estabelecimentos públicos *versus* o personalismo de técnicos que adquiriram experiências no setor público e, no entanto, se voltaram para a indústria provada concorrente.”⁴⁰

Em um segundo ato, Adhemar de Barros retornou à cena, desta vez como governador de São Paulo, (1947-1951) e novamente o Instituto Butantan voltou a

³⁶ Idem, p. 5.

³⁷ Idem, p. 6.

³⁸ DECRETO Nº 23337 de 15/07/1947.

³⁹ IBAÑEZ, Nelson; ALVES, Olga Sofia Fabergé. Afrânio do Amaral, conflitos entre a ciência e a política. Caso Butantan. *Cadernos de História da ciência*. São Paulo: Instituto Butantan. V14 n1, 2021. p. 5.

⁴⁰ Idem, p. 7.

ser palco de disputas, agora sob a coordenação de Eduardo Vaz que teria “demitido pesquisadores das áreas de Química, e Endocrinologia”⁴¹ a partir das ordens de Adhemar de Barros. Os protestos contra as demissões foram inúteis, porém, o próximo passo se deu em direção para a organização e criação de uma nova sociedade que abrangesse todas as ciências.

Por conseguinte, esse arco temporal, da criação da SBPC até a fundação do IBu, ajuda a colocar em perspectiva o emaranhado de relações entre a própria comunidade de pesquisadores do instituto, e destes, com as decisões políticas ligadas a contextos históricos mais amplos, com as relações construídas entre Getúlio Vargas e membros ou ex-membros do exército no seu governo e relacionadas a questões políticas do momento, como o Integralismo, movimento do qual Afrânio do Amaral fazia parte.

É pertinente notar que, o fomento para a pesquisa no Brasil, se deu com apoio e respaldo militar. Isso fica claro quando do processo que levou a fundação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, que, desde 1931, quando foi mencionado na Academia Brasileira de Ciências, não teve apoio. Anos depois, Getúlio Vargas defendeu o projeto, sem aprovação parlamentar. Outro projeto de 1948, com o mesmo intuito também não avançou.⁴² A ideia só foi articulada quando liderada pelo Almirante Álvaro Alberto da Mota e Silva, que era formado em engenharia e “[...] especialista em explosivos, respeitado entre os militares e entre os cientistas”.⁴³ O almirante era ainda um dos fundadores da Academia Brasileira de Ciências - ABC e representante brasileiro na Comissão de Energia Atômica da ONU.

Não foi ao acaso que Eurico Gaspar Dutra, então presidente, nomeou uma comissão “para elaborar o anteprojeto de lei sobre a criação do inicialmente chamado Conselho Nacional de Pesquisa, formalizado em janeiro de 1951.”⁴⁴ O

⁴¹ FIORAVANTI, Carlos. Nasce a SBPC, cresce a ciência brasileira. In: NADER, Helena Bonciani; BOLZANI; Vanderlan da Silva; FERREIRA; José Roberto Ferreira. (Orgs). *Ciência para o Brasil: 70 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*. São Paulo: SBPC, 2019. p. 64.

⁴² FIORAVANTI, Carlos. Nasce a SBPC, cresce a ciência brasileira. In: NADER, Helena Bonciani; BOLZANI; Vanderlan da Silva; FERREIRA; José Roberto Ferreira. (Orgs). *Ciência para o Brasil: 70 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*. São Paulo: SBPC, 2019. p. 65.

⁴³ Idem.

⁴⁴ Idem, p. 52.

contexto histórico e social do fim da II Guerra Mundial confluiu para que os interesses pela ciência e em especial pela física atômica nuclear ganhassem respaldo. Essa aliança entre civis e militares teria durado, segundo Fioravanti, até 1954, com a morte de Getúlio Vargas.

Dada a conjuntura, entende-se, portanto, que a relação entre o IBu e o poder político era tensa antes mesmo da criação da SBPC, pois havia o interesse em transforma-lo numa fonte de recursos desde quando estava sob coordenação de Artur Neiva, no Serviço Sanitário de São Paulo no fim da década de 1910, assim como já havia embates de posicionamentos, haja visto o desligamento de Vital Brazil e a consequente criação de um instituto próprio com as mesmas condições que se queria no IBu, no Rio de Janeiro. Quando Adhemar de Barros voltou a exercer poder como governador, ele apenas retomou um antigo projeto de capitalizar o IBu. As demissões se tornaram, nesse contexto, apenas o ponto de inflexão, a gota d'água que rompeu um fio tênue e desgastado pelos conflitos.

(Re) atualização através das Reuniões anuais da SBPC: “Uma grade orquestra”⁴⁵

Foi com essa metáfora que Fabíola de Oliveira se referiu às reuniões anuais da sociedade, indicando que a organização dos eventos se dava semelhantemente a um espetáculo que acontece anualmente. O tom para se referir a um passado supostamente linear e glorioso da sociedade não é poupado: “[...] há mais de 70 anos, após ensaiar diariamente [...] essa orquestra [realiza] a sua grande apresentação.”⁴⁶

É comum entre as sociedades científicas ou não, que encontros se tornem momentos importantes para o curso dos trabalhos desejados, seja para aprovação de documentos, decisões, medidas, fundações e debates até mesmo acirrados. A

⁴⁵ OLIVEIRA, Fabíola. Você vai à SBPC? In: NADER, Helena Bonciani; BOLZANI; Vanderlan da Silva; FERREIRA; José Roberto Ferreira. (Orgs). *Ciência para o Brasil: 70 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*. São Paulo: SBPC, 2019. p. 153.

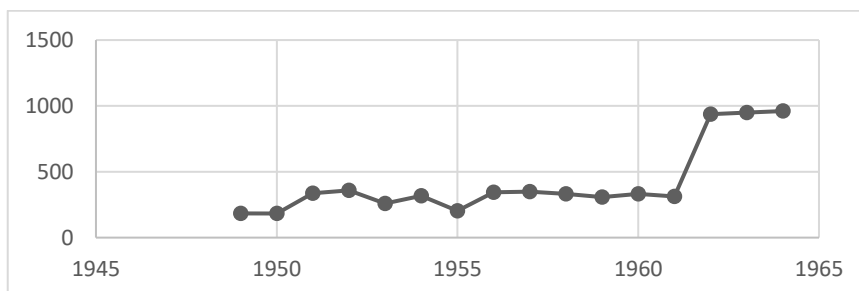
⁴⁶ OLIVEIRA, Fabíola. Você vai à SBPC? In: NADER, Helena Bonciani; BOLZANI; Vanderlan da Silva; FERREIRA; José Roberto Ferreira. (Orgs). *Ciência para o Brasil: 70 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*. São Paulo: SBPC, 2019. p. 153.

SBPC não se distingue quanto a isso. As reuniões anuais foram e continuam sendo interpretados e narrados como grandes marcos, com o destaque de acontecerem mesmo nos “anos de chumbo”.

A princípio, a ata de fundação da SBPC não restringia a participação a apenas profissionais da ciência, mas a “[...] quaisquer pessoas que se interessam pelo progresso da ciência.” (sic)⁴⁷ Um ponto interessante a ser sublinhado diz respeito a abertura desde o início para estudantes, além dos cientistas já formados. Contudo, a participação dos estudantes de forma mais densa se deu a partir dos anos 1970. O incentivo dessa participação não foi aleatório, se configurou como uma estratégia para atrair mais pessoas à SBPC.⁴⁸

No gráfico abaixo, se pode ler os dados da participação de inscritos nas reuniões entre 1948 e 1964.

Gráfico 1: Inscritos nas Reuniões anuais da SBPC entre 1949 e 1964



Fonte: OLIVEIRA, Fabíola. *Você vai à SBPC?* In: NADER, Helena Bonciani; BOLZANI; Vanderlan da Silva; FERREIRA; José Roberto Ferreira. (Orgs). *Ciência para o Brasil: 70 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*. São Paulo: SBPC, 2019. p. 157.

Das dezesseis reuniões, 8 delas não tiveram temas identificados no livro comemorativo, são ocorrem nos anos de 1954, 1958, 1959, 1960, 1961, 1962, 1963 e 1964, as demais estão identificadas na tabela abaixo.

⁴⁷ ATA DE FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 1948, f1. Disponível em < <http://sbpcacervodigital.org.br/handle/20.500.11832/2190>>. Acesso em 27 mar. 2022. f3.

⁴⁸ *Idem*, p. 154.

Tabela 1. Relação de temas e cidades das Reuniões Anuais da SBPC na fase I (1949-1964)

Edição/Ano	Local/cidade	Tema
I – 1949	Instituto Agronômico de Campinas Campinas	Alimentação (sugestão Unesco)
II – 1950	Escola Superior de Agricultura do Paraná - Universidade do Paraná Curitiba	Industrialização à margem da floresta virgem
III – 1951	Instituto de Tecnologia Industrial - ITI Belo Horizonte	Questões ligadas à região como esquistossomose, medicina preventiva, materiais radioativos
IV – 1952	Universidade do Rio Grande do Sul - UFRGS Porto Alegre	A produção de alimentos
V – 1953	Colégio Estadual do Paraná Curitiba	A contribuição da ciência à Indústria
VII – 1955	Universidade do Recife Recife	Humanismo na ciência
VIII - 1956	Escola de Minas e Metalurgia e Escola de Farmácia Ouro Preto	Ciência e Recursos Minerais
IX – 1957	Museu Nacional Rio de Janeiro	As instituições científicas no Brasil e sua significação para a economia e a sociedade

Fonte: SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. 70 Reuniões anuais da SBPC. [livro eletrônico] São Paulo: SBPC, 2018.

Para analisarmos a tabela e o interesse dos cientistas a respeito dos referidos temas, questiona-se: como estava a produção do campo científico no Brasil? Em que condições a política e a economia da sociedade brasileira se encontrava? Tais perguntas se fazem necessárias ao concordarmos com teóricos como Michel de Certeau, que apesar de falar a respeito da forma como os historiadores pesquisam, pode-se trazer a explicação do autor para o processo de produção científica das demais áreas de pesquisa, já que ele aponta a importância do *lugar social* de onde se escreve e pesquisa. Ou seja, as influências metodológicas, institucionais e do próprio presente do pesquisador, que resulta tanto nas pesquisas como na escrita dos textos que a difundem. Para Certeau,

Toda pesquisa [...] se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam.⁴⁹

Portanto, SBPC é tomada como *lugar social*, que produz conhecimento a partir de normas específicas, estabelecidas pelos pares e pelo presente ao qual pertenciam. O primeiro encontro anual foi marcado por um tema definido pela Unesco, que é uma instituição associada a SBPC, assim como a regulamentação da sociedade previu.

O tema em questão foi “Alimentação” e a reunião ocorreu no Instituto Agrônomo de Campinas. O tema não era estranho à época, isso porque após a década de 1930, além das transformações econômicas, ocorreu a “descoberta científica da fome (o surgimento da nutrição); de criação da prática profissional com nutrição (criação dos cursos para formação dos nutricionistas) e de instituição da política social de alimentação.”⁵⁰ Não só a fome se configurava como um problema, mas a própria nutrição. Isso porque em 1932 Josué de Castro, ao realizar uma pesquisa sobre as condições das famílias de operários em Recife, verificou que os dados apontavam que a base alimentar era composta por apenas 1645 calorias por dia e custava 71,6% do salário dos trabalhadores, além disso, a alimentação era pobre em vitaminas e sais minerais. “Os resultados desse estudo tiveram ampla divulgação nacional provocando a realização de estudos similares, inclusive aquele que serviu de base para a regulamentação do salário-mínimo”.⁵¹

Ressalta-se a trajetória de Josué de Castro, que na década de 1940, estava clinicando e lecionando no Rio de Janeiro e destacando-se em atuações públicas no movimento em prol do salário-mínimo, na fundação dos arquivos brasileiros e nutrição, trabalhou também como editor do Serviço Técnico de Alimentação

⁴⁹ CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 1982. p. 65-66.

⁵⁰ VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes. Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas a Lula. *Revista de Nutrição*. Campinas, v18 n4. Jul/ago 2005. p. 440

⁵¹ Idem, p. 441.

Nacional e da *Nutrition Foundation de Nova York*, participou também da Fundação da Sociedade Brasileira de Nutrição em 1941. Entre os anos de 1930 e 1950 pesquisou os problemas de nutrição no Brasil, Argentina, México, Estados Unidos e na República Dominicana. A partir de 1950 ele iniciou no Brasil sua vida política. Essa carreira levou a três indicações ao Nobel de Medicina e da Paz, em 1954, 1963 e 1970.

Isso leva a pressupor que a UNESCO, em 1949, já reconhecia o trabalho desenvolvido por Castro, quando fez a indicação para que a SBPC debatesse o tema da alimentação no Brasil, o seu livro *Geografia da fome*, foi resultado de uma extensa pesquisa no Brasil realizada no Brasil nos anos 1930 e publicado em 1946, contudo, o tema foi debatido nesse primeiro recorte de assuntos das reuniões apenas por ocasião da sugestão da Unesco. O pesquisador também não foi citado no resumo das comunicações que aconteceram na primeira reunião da SBPC, publicado na edição no volume 2, número 1 da *Revista Ciência & Cultura*, nesse material é possível constatar que não houve menção a participação de Josué de Castro no evento e em nenhuma comunicação que versasse sobre as implicações sociais do acesso para uma boa alimentação e nutrição.⁵² Acrescenta-se a isso que, embora a SBPC tenha demonstrado interesse de filiações com outras sociedades, a Sociedade de Nutrição não foi encontrada no registro de sócios da SBPC.⁵³ Tais aspectos apontam para a percepção dos sócios pesquisadores e da pesquisa produzida por pares no próprio Brasil. Tendo em vista que, só quando houve sugestão externa, o assunto foi debatido, mas, sem a presença de um dos seus principais pesquisadores na área, um silêncio que é indício de uma tensão.

Já a II Reunião de 1950 aconteceu na Escola Superior de Agricultura do Paraná, associada ao tema “Industrialização à margem da Floresta virgem”, em um momento que a economia brasileira ainda estava sendo desenvolvida, se

⁵² RESUMO DAS COMUNICAÇÕES DA I REUNIÃO ANUAL DA SBPC. *Revista Ciência & Cultura*. V2, n1. São Paulo: SBPC, p. 29. O acervo pode ser consultado em < <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003069&Pesq=jos%c3%a9%20de%20castro&pagfis=323> > p. 29. O acervo pode ser consultado em < <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003069&Pesq=jos%c3%a9%20de%20castro&pagfis=323> >

⁵³ Uma lista pode ser encontrada em FERREIRA, José Roberto. É SBPC, mas poderia ser também SCPB – Sociedade Científica para o Progresso do Brasil. In: NADER, Helena Bonciani; BOLZANI; Vanderlan da Silva; FERREIRA, José Roberto Ferreira. (Orgs). *Ciência para o Brasil: 70 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*. São Paulo: SBPC, 2019. p. 37.

desvencilhando dos traços coloniais e a questão da fome perdurava. Muitos motivos eram apontados como causadores da fome e iam desde o baixo desenvolvimento tecnológico, falta de urbanização, traços coloniais persistentes na sociedade brasileira e, até mesmo, a própria cultura foi citada como um impedimento para a produção e consumo dos alimentos.

No já mencionado *Geografia da fome no Brasil*, Castro identificou áreas de fome em todas as regiões do país, ainda que de formas e intensidade distintas: área de fome endêmica, área de epidemia de fome, e área de subnutrição em todo território nacional, sendo que a região sul e parte da sudeste faziam parte do que o autor elencou como área de subnutrição.⁵⁴ Apesar disso, a cidade de Curitiba, onde a II Reunião aconteceu foi definida pela SBPC como “[...] um centro pujante de produção científica e destacado por apoiar a expansão agrícola no Paraná.”⁵⁵ Aliás foi a partir dos anos 1930 que a economia paranaense começou a ganhar destaque e relevância no cenário econômico nacional com a produção cafeeira, nos anos 1960 foi a vez da produção de soja ganhar destaque no estado.⁵⁶

O aumento da produção de soja está atrelado ao momento histórico de meados do século XX, no Paraná, pois o discurso vigente estava altamente atrelado ao avanço da ocupação para o oeste do estado, na tentativa de povoar os locais tidos como vazios geográficos, e não ocupados pela população branca. O discurso vigente se pautava no maniqueísmo de civilizado *versus* incivilizado, progresso *versus* estagnação e atraso. Se acreditava que seria necessário atacar a natureza, vista como hostil. A ocupação do Paraná se deu no século XX a partir da venda de concessões de terras a várias empresas que foram instaladas, principalmente no norte e oeste do estado. O discurso político foi ao encontro com a proposta temática a ser debatida pelos cientistas, pois que, o avanço da agroindústria se expandiria pelos sertões e o progresso irradiaria a partir da capital para o restante do Paraná.

⁵⁴ É possível consultar o mapa em CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro. Pão ou aço*. 10 ed. Rio de Janeiro. Edições Antares, 1984.

⁵⁵ FIORAVANTI, Carlos. Nasce a SBPC, cresce a ciência brasileira. In: NADER, Helena Bonciani; BOLZANI; Vanderlan da Silva; FERREIRA; José Roberto Ferreira. (Orgs). *Ciência para o Brasil: 70 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*. São Paulo: SBPC, 2019. p. 61.

⁵⁶ HERSEN, Amarildo; JOAY, Silvia; BORECK, Rosenilda. Os diferentes portes de indústria e sua contribuição de emprego no Paraná (1995-2010). In: HERSEN, Amarildo; LIMA, Jandir Ferreira de; STADDUTO, Jefferson Andronio Ramundo. *Industrialização paranaense*. Guarapuava: Eduni, 2013. P. 127.

É importante retomar que a SBPC se propunha a debater em cada local em que as reuniões aconteciam, problemas relacionados àquela região. Assim, enquanto no Paraná a agroindústria era um problema a ser sanado no futuro e, portanto, no horizonte de expectativa e de progresso, no Instituto de Tecnologia Industrial de Belo Horizonte, o problema debatido na III Reunião em 1951 foi “Questões ligadas à região como esquistossomose, medicina preventiva, materiais radioativos”. Na comparação entre a mudança de estados, regiões e temas, no imperativo categórico da *geschichte*, o progresso do futuro se dá na industrialização. No passado está a verminose e no futuro o maior avanço na História, o estudo e o enriquecimento de urânio no pós-guerra.

Mais uma vez, na IV Reunião e no sul do Brasil, em Porto Alegre, na UFRGS, o tema foi a “Produção de alimentos”. Mais uma vez é possível notar a mudança de temas, quando se muda de região geográfica, já que, no ano seguinte, 1953, novamente em Curitiba, o tema debatido foi “A contribuição da ciência à Indústria”, contudo sem reflexões ligadas a questões sociais e humanitárias. Quando a reunião voltou a acontecer em Minas Gerais, dessa vez, em Ouro Preto, as discussões se deram sobre os diálogos entre ciência e Recursos Minerais, quando a SBPC apoiou o debate sobre o uso de energia nuclear. Nesse encontro houve a discussão da possibilidade de exploração de urânio no país, “[...] os físicos falaram sobre a importância da pesquisa física atômica para o desenvolvimento brasileiro e a necessidade urgente de formação de especialistas nessa área.”⁵⁷ Na ata da referida reunião, pode se ler a preocupação dos pesquisadores, em especial do físico José Leite Lopes, com a posição do Brasil, dentre outros, como Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha e a então União Soviética que “estavam atravessando uma nova etapa da Revolução Industrial, caracterizada pela descoberta de uma nova e poderosa fonte de energia.”⁵⁸

Em 1955, o tema Humanismo na ciência em Recife no Pernambuco, embora o tema possa parecer representar uma aproximação da SBPC com assuntos

⁵⁷ FIORAVANTI, Carlos. Nasce a SBPC, cresce a ciência brasileira. In: NADER, Helena Bonciani; BOLZANI; Vanderlan da Silva; FERREIRA; José Roberto Ferreira. (Orgs). *Ciência para o Brasil: 70 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*. São Paulo: SBPC, 2019. p. 70.

⁵⁸ ATA DO SIMPÓSIO SOBRE A UTILIZAÇÃO DE ENERGIA ATÔMICA PARA FINS PACÍFICOS NO BRASIL. Segunda reunião, 26 de abril de 1956.

relacionados às Ciências Humanas, ao ler a documentação se lê outros motivos. A começar pelos convidados para apresentar trabalhos nos simpósios do evento. "Como nas reuniões anteriores estão convidados a apresentar: matemáticos, físicos, químicos, biólogos, engenheiros, médicos, geólogos, mineralogistas, agrônomos, psicólogos, economistas, geógrafos e educadores [...]".⁵⁹ Os estudiosos da área de humanas aparecem em três momentos: na psicologia e na geografia, mesclada com educadores, já na ata de fundação da sociedade os historiadores e geógrafos são mencionados como da mesma área, o que não é incomum para a época. Tanto até porque, a produção historiográfica estava iniciando um longo processo de afastamento do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB,⁶⁰ para passar a ocupar espaço na produção historiográfica acadêmica, como pelo fato de que, nesse momento os professores costumavam ser formados para apenas reproduzir conhecimento em sala de aula e não os produzir como cientistas, o que por sinal, gerou um abismo entre professores que lecionavam nas escolas e nas universidades.

Embora o tema central tenha sido definido, outros temas foram debatidos, como bacteriologia, análise de toque, psicologia experimental e educação, psicologia, química, botânica, dentre outros temas. Houve ainda um Simpósio dedicado somente a *Ciência e Humanismo*, presidido por Anísio Teixeira, jurista, escritor brasileiro que também exerceu o cargo de inspetor geral da Bahia em 1924, foi também, precursor da denominada Escola Nova. Das seis apresentações programadas, apenas três foram dedicadas ao tema proposto: a apresentação do

⁵⁹ PROGRAMAÇÃO DA IV reunião anual da SBPC. 03 de novembro de 1952, URGs, Porto Alegre.

⁶⁰ O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB foi fundado em 21 de outubro de 1838, lá foram reunidos os estudiosos que se dedicaram à História do Brasil. Esses não precisavam necessariamente ser formados na área. O IHGB, apesar de ser um projeto português no Brasil pós-colonial, não buscava a escrita de uma História que rompesse com a antiga metrópole. Porém, é curioso notar que houve amplo diálogo e trocas dos periódicos produzidos pelo IHGB e institutos de pesquisa franceses. Ver: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, 1988, p. 5.

próprio Anísio Teixeira,⁶¹ Nelson Chaves⁶² e J. Roberto Moreira,⁶³ respectivamente intituladas de Ciência e humanismo, Universidade pesquisa e humanismo e Humanismo, suas origens e consequências.⁶⁴ Se distribuir os temas pelo mapa do território brasileiro, será possível notar que os temas de produção de alimentos, industrialização e economia estão distribuídos, em sua maioria, pelo sul e sudeste, enquanto que, a única reunião com tema que aconteceu no Nordeste, em Recife, foi dedicada ao humanismo e ciência.

A última reunião com tema definido no interstício de 1949 a 1964 ocorreu em 1957 sobre as "Instituições científicas no Brasil e a sua significação para a economia e a sociedade". Das oito reuniões temáticas, seis versaram sobre alimentos, industrialização, recursos minerais, energia atômica, e, por conseguinte, foram voltados para problemas brasileiros vinculados a resolução para interesses econômicos. Contudo o debate permaneceu sobre como produzir mais e não sobre como garantir que os alimentos chegassem na mesa do brasileiro.

Políticas, economia e progresso

Retomando a conjuntura que levou aos desentendimentos que culminaram na criação da SBPC, no que diz respeito ao interesse de Adhemar de Barros em capitalizar ao Instituto Butantan, levando em consideração os temas debatidos por esse grupo inicial da SBPC, entende-se que, o grupo dissidente levou consigo temas de pesquisa e interesses relacionados a áreas que amparassem as questões de produção e aumento de lucros da indústrias, mesmo que o tema fome tenha sido apontado em um momento que o grupo buscava se afirmar em relação aos conflitos que o criou, visando a coesão do grupo.

⁶¹ Nascido no estado do Rio de Janeiro e formado em direito no Rio de Janeiro, ficou conhecido por apoiar a universalização da escola pública, laica, gratuita e obrigatória. Foi um dos signatários do manifesto dos pioneiros da Educação Nova, defendia também, uma educação construtivista.

⁶² Foi médico e nutricionista, foi professor da Universidade de Pernambuco e também Secretário da Saúde do mesmo estado.

⁶³ Nasceu em Santa Catarina. Teve atuação na área educacional, foi professor do curso normal do Instituto de Educação de Florianópolis e diretor do mesmo instituto. Atuou ainda no centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e na Unesco. Era, ainda, precursor da Escola Nova.

⁶⁴ PROGRAMA DA VII REUNIÃO ANUAL DA SBPC. Escola de Engenharia da Universidade do Recife, 1955.

Levando em consideração o panorama dos assuntos centrais que nortearam os debates das reuniões na primeira fase, aponta-se que na primeira metade do século XX o Positivismo foi um paradigma inserido e muito difundido nas práticas políticas, culturais e científicas brasileiras, inclusive na SBPC, especialmente a partir do projeto de Estado do fim do século XIX e início do XX. Paulo Pezat fez alguns adendos sobre o Positivismo no Brasil, destacando como ele repercutiu especificamente no Rio Grande do Sul. O autor salientou que o caráter nacionalista, que supostamente alguns acreditam ser Positivismo, já era uma característica de uma historiografia dita tradicional, voltado para os grandes fatos e heróis. Portanto, a característica nacionalista “[...] não se deve especificamente ao Positivismo”⁶⁵ bem como, “[...] a tendência de centrar a análise nos fatos políticos. [...]” é anterior.⁶⁶

Já Sônia Regina Mendonça foi taxativa a respeito das políticas empregadas durante o período que antecedeu o Estado Novo, para ela, a “Democracia e [o] liberalismo excludente”⁶⁷ eram duas questões que resumiam o regime político entre 1889 e 1930; entendeu ainda que o coronelismo característico dessa época impedia a formação de oposições locais. Segundo a autora, tudo não passava de um “arremedo de um regime representativo resultante da transação entre as máquinas político administrativas dos estados “e os interesses políticos e econômicos dos donos da terra (ainda que fossem latifúndios improdutivos).”⁶⁸ Teria sido por estes caminhos que a hegemonia dos cafeeiros paulistas foi sedimentada. Não foi à toa, portanto, que as diversas forças políticas de valorização do produto foram implantadas pelo Estado. Nesse contexto,

Portadores de um ideário altamente elitista – voltado ao mesmo tempo para a purificação das Forças Armadas e da sociedade como um todo-, os tenentes apresentavam um programa de traços autoritários e nacionalistas, defendendo a maior centralização do Estado, a uniformização legislativa e o ataque à oligarquia paulista, o que poderia, em princípio, parecer bastante sedutor também para segmentos das oligarquias estaduais dissidentes. Já quanto às camadas populares urbanas, se por um lado o tenentismo tornara-se um catalisador das esperanças de alteração da ordem vigente,

⁶⁵ PEZAT, Paulo. O positivismo na abordagem da recente historiografia gaúcha. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.255-285, jan./dez. 2006. p. 258.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ MENDONÇA, Sônia Regina. Estado e Sociedade: A consolidação da república oligárquica. In: LINHARES, Maria Yedda (et. al.). *História Geral do Brasil*. 10 ed. Rio de Janeiro, Elsevier, 2016. p. 474.

⁶⁸ Idem. p. 476.

por outro, ao auto identificarem-se como o agente da ‘salvação nacional’ em nome e no lugar do ‘povo inerme’, deixava claras as razões de sua precária vinculação com tais setores.⁶⁹

A década de 1920 no Brasil, foi palco de uma profunda crise econômica e política, solucionada, com a instalação do Estado Novo em 1937, segundo Mendonça. Nas próximas décadas de 1930 e 1940, o Estado Brasileiro avançou nesse cenário, esboçando um projeto pesado de industrialização que foi fundamental na constituição do aparato estatal.

Politicamente, o salto econômico voltado para a materialização da industrialização sob a liderança estatal procurou, igualmente, transformar a agricultura de alimentos em coadjuvante do processo

de industrialização, incentivando a expansão de fronteiras agrícolas que produzissem gêneros básicos a baixos preços. Combinando o acesso a terras novas com sua ocupação por trabalhadores integrados a regimes de trabalho não capitalistas, tais frentes geravam um excedente temporário de arroz, feijão ou milho que, por sua barateza, contribuíam para o rebaixamento do custo de reprodução da força de trabalho urbana.⁷⁰

Por outro lado, Newton Paulo Bueno, ao analisar a crise econômica e política do fim da Era Vargas, entendeu que a industrialização que emergiu nos anos 1930, não se compunha enquanto um projeto político de “nenhuma das forças políticas relevantes da época”.⁷¹ Foi uma consequência imprevista do conflito inicialmente político que ocorria no ponto de bifurcação histórica que marcou a transição para o Brasil moderno.⁷² O incentivo à industrialização teria sido usado por Vargas para constituir a sua base de sustentação política, sem “alienar completamente os grupos tradicionais associados à cafeicultura, das quais a economia brasileira ainda continuava a depender para funcionar.”⁷³ Embora, ao longo do seu governo tenha tomado atitudes para minar as fontes de poder advindos da República Velha.⁷⁴

⁶⁹ Idem, p. 481.

⁷⁰ Idem, p. 500.

⁷¹ BUENO, Newton Paulo. A crise política na Era Vargas. Uma Interpretação Sob a Ótica da Economia Política Neo-institucionalista. Est. econ., São Paulo, v. 36, n. 1, p. 181-199, janeiro-março, 2006. p. 190.

⁷² Idem.

⁷³ Idem, p. 188.

⁷⁴ Em linhas gerais, os governos varguistas são compreendidos, enquanto sistemas fechados, distintos, separados e ambos com marcas de populismo. Mas há, também, outras interpretações, como a de Thomas Skidmore, que divide o governo de Vargas em duas fases, uma ortodoxa e outra marcada composta de uma “virada nacionalista”. Um terceiro ponto de vista aponta que Vargas era, ao mesmo tempo, conservador e

Como já mencionado, Vargas desde a campanha, repetiu exaustivamente a promessa de crescimento econômico acelerado, apostando nos investimentos privados e na modernização do setor primário com aprofundamento da industrialização, no entanto, a realidade com que ele se deparou impunha cautela. Segundo Fonseca, “a rigor, deparava-se com o clássico dilema entre a estabilização *versus* crescimento: crescer envolvia bem mais importações de insumos e de bens de capital, além de mais gastos públicos e consumo doméstico, os quais aguçariam os problemas do balanço de pagamentos e da inflação”⁷⁵ A saída encontrada foi de encontro daquela que Vargas havia proposto, diminuindo o ritmo de crescimento. Essa conjuntura inflacionária gerou, conseqüentemente uma crise estrutural.

Sobre a participação da SBPC nesse cenário, Ana Maria Fernandes foi taxativa ao ponderar que “Não há nenhum registro da participação da SBPC em qualquer das lutas e campanhas da classe operária [...]”⁷⁶ antes dos anos 1970. Apesar do Positivismo da entrada nos anos 1950 do Exército Brasileiro no panorama da produção científica no Brasil e o esforço em industrializar, tanto do governo federal, como da preocupação da SBPC sobre aumentar a produção de alimentos, pensando e discutindo como melhorar a agroindústria no Brasil, a fome perdurou como um problema.

Considerações Finais

Pondera-se, portanto, e, mais uma vez, que o lugar de pesquisas, de encontros científicos, enfim, o lugar dos pesquisadores não são alheios à sociedade e ao tempo do qual pertencem. A SBPC, levou consigo interesses motivados pelo

ortodoxo. Por fim, há ainda, uma quarta linha interpretativa, que detecta neste mesmo período “[...] a existência de um projeto de longo prazo cujo epicentro era a industrialização acelerada e a modernização do setor primário – linhas gerais, o que se convencionar denominar de Nacional Desenvolvimentismo” [FONSECA, Cezar Dutra. Nem ortodoxia nem populismo: o segundo governo Vargas e a economia brasileira. *Tempo*. v14 n28). Jun 2010 p. 21.]

⁷⁵ FONSECA, Cezar Dutra. Nem ortodoxia nem populismo: o segundo governo Vargas e a economia brasileira. *Tempo*. v14 n28). Jun 2010 p. 21. p. 16-17.

⁷⁶ FERNANDES, Ana Maria. *A construção da ciência no Brasil e a SBPC*. 2 ed. Brasília: UNB, 2000. p. 89.

tempo, pela conjuntura econômica, pelos desafios que o Brasil e o mundo passaram.

A realização das reuniões e seus discursos, são, além de encontros para compartilhamento de ideias e pesquisas entre os cientistas, momento de reforçar laços, atá-los e, até mesmo desatá-los, é ainda, um momento de renovação intelectual. É pertinente atentar para o que Certeau definiu em relação ao processo de pesquisa, apontando que ele surge associado ao seu *lugar social* e que, portanto, não pode ser desvincilhado do seu tempo, espaço e sociedade. O conhecimento científico é produzido dentro e não fora do universo social, mas também com tensões próprias. Sabendo disso, tanto do *lugar social* como do *espaço de experiência* das realizações das reuniões anuais e dos livros comemorativos a elas, será adicionado outros dois conceitos às análises, o conceito de atualização ou *up to date* e *dasein*.

Mateus Pereira e Valdei Araújo, embasados na teoria heideggeriana, sugerem pensar o *tempo* e a sua passagem através do conceito de *Dasein* [Ser-aí], assim: “O Ser-aí, não é apenas o seu mundo, mas a possibilidade de mundo.”⁷⁷ O conceito contém em si mesmo espaço de experiência (a de-cisão) e o horizonte de expectativa (a projeção do porvir), pois “estabelecem uma relação mútua de dependência, pois sempre caído em um mundo que o precedeu, é somente nesse mundo que o Ser-aí, pode ser ele mesmo.”⁷⁸

A documentação a que este artigo dispõe aponta para a constante permanência do grupo que se colocou como representante da ciência e solucionador dos problemas brasileiros. A SBPC estava dentro dos acontecimentos políticos, econômicos e sociais, em constante conexão, o que permitiu a sua atualização constante em direção a um possível vir a ser, *dasein*, fazendo parte do presente como atual. Para Araújo, a atualização tem a função de preservar a identidade e a autenticidade de um sujeito, ou diríamos, de preservar a identidade da própria SBPC. Tem ainda, segundo o historiador, a promessa de não deixar que se caia na obsolescência. O progresso como destino está já estampado no nome

⁷⁷ PEREIRA, Matheus; ARAÚJO, Valdei. Reconfigurações do tempo histórico: presentismo, atualismo e solidão na modernidade digital. *Revista da UFMG*. Belo Horizonte, v. 23, n. 1 e 2, p. 270-297, jan./dez. 2016. p. 281

⁷⁸ Idem.

da sociedade, bem como na primeira edição revista da sociedade: “*Ordem e progresso* como ciência: [...] os cientistas se irmanarão como os não cientistas, porém amantes da Ciência, buscando prestígio crescente desta última e o progresso do País através do próprio progresso da Ciência.”⁷⁹ O Positivismo repercutiu na SBPC, na medida em que ela se coloca como solucionadora das questões de produção e, principalmente de industrialização.

Por fim, e retomando a análise documental apresentada no início do artigo, a forma pela qual o livro comemorativo aos 70 anos da SBPC foi publicado também importa aos historiadores. Se trata de um livro, mas não um livro impresso, um PDF que originalmente está arquivado no sítio da sociedade. A publicação de um livro é mais complexa do que se supõe previamente, envolvendo não apenas o autor, mas editor, diagramadores e corretores. Esse processo tem sido objeto de estudo de alguns pesquisadores, já que se trata das mudanças das formas pelas quais as ideias são transmitidas, por isso Roger Chartier sentenciou que “Autores não escrevem livros, nem sequer seus próprios livros.”⁸⁰ Para o historiador essas múltiplas modificações transformam o texto original em outro texto que chega as mãos e aos olhos do leitor. Diríamos nesse caso, que chega aos olhos do leitor através de telas, por ser uma publicação *on line*, embora não seja um *e-book*, isso por que, o formato em *e-book* permite ainda que o leitor altere ainda mais o texto, decidindo por exemplo qual letra prefere, o tamanho, além de permitir o acesso a links, sons imagens e outros materiais externos ao texto. Nesse caso, o leitor detém certo poder de editor, já que pode alterar o projeto gráfico. De qualquer modo, a publicação em PDF de um livro pode reduzir custos, além de aumentar a velocidade de produção e acesso.⁸¹

Nesta mesma esteira de debates que discorrem sobre a problematização do conceito de *tempo*, os historiadores Valdei Araújo e Matheus Pereira discutiram esse conceito associado ao desenvolvimento da cultura digital, já que a sociedade

⁷⁹ CIÊNCIA E CULTURA. Editorial. Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência, v1, n1 e 2, 1949. p. 2.

⁸⁰ CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Unesp, 2014.

⁸¹ É preciso apontar que a publicação *on line*, não é necessariamente mais barata se comparada ao impresso, principalmente a longo prazo e em publicações seriadas, já que exige o investimento em equipamentos eletrônicos, *softwares*, pessoal especializado, treinamento, espaço para armazenar as publicações tanto em *hardwares* como em sítios eletrônicos.

contemporânea vive permeada pelo universo digital; universo esse que, por vezes, extrapola as fronteiras entre o que humano e cibernético, causando, o embaralhamento dessa fronteira. Chama-se atenção para o fato de que, essa mudança social tem impacto na linguística e, por conseguinte, no significado dos conceitos e da própria História, como conceito e como produção e, eu diria ainda, da publicação daquilo que foi produzido por cientistas.

Pouco antes da publicação do referido livro, a SBPC fundou seu centro de memória em 2017, “Para resgatar o conhecimento sobre o papel da instituição durante seu percurso até os dias atuais, preservando a documentação dessas ações [...]”⁸² No trecho o passado é evocado a fim de legitimar e atualizar não apenas a importância que se quer ressaltar e fazer ser reconhecida, mas também, torná-la atual, configurando assim, os contornos de uma identidade própria. A SBPC reforça a si mesma, as digitalizações dos processos fazem parte desse processo que é inerente ao século XXI, fluído e de rápida publicação. Uma certa aceleração da História, da memória e da própria ciência que necessita se fazer não apenas moderna, mas atual. Isso porque desde o início deste século a ciência tem transformado a sua forma de publicar, passado do impresso para o espaço digital, assim, é comum hoje que os processos de publicações sejam feitos totalmente *on-line*, visando suprir não apenas as necessidades de diálogo entre cientistas e o processo de publicação da ciência, mas também, uma tentativa de suprir a velocidade pela qual os negacionismos são produzidos publicados e consumidos. O debate é longo, e, por isso, o questionamento permanece aberto sobre a velocidade da produção e da circulação da ciência *versus* a velocidade de produção e circulação de negacionismos.

Bibliografia

ACOSTA, Sabrina. Vital Brazil e o caso da Casa Armbrust, as relações entre a ciência, os cientistas e a gestão em Saúde Pública. *Cadernos de História da ciência*. São Paulo: Instituto Butantan.v.10 n.1, 2014.

⁸² Cf. <http://portal.sbpcnet.org.br/centro-de-memoria-da-sbpc-amelia-i-hamburger/>.

ATA DE FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 1948, f1. Disponível em <<http://sbpcacervodigital.org.br/handle/20.500.11832/2190>>. Acesso em 27 mar. 2022.

ATA DO SIMPÓSIO SOBRE A UTILIZAÇÃO DE ENERGIA ATÔMICA PARA FINS PACÍFICOS NO BRASIL. Segunda reunião, 26 de abril de 1956.

BOTELHO, A. J. The professionalization of brazilian scientists, The Brazilian Society for the Progresso Science (SBPC), and the State (1948-1960). *Social Studies of Science*, v. 20, 1990.

BUENO, Newton Paulo. A crise política na Era Vargas. Uma Interpretação Sob a Ótica da Economia Política Neo-institucionalista. *Est. econ.*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 181-199, janeiro-março, 2006.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro. Pão ou aço*. 10 ed. Rio de Janeiro. Edições Antares, 1984.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Unesp, 2014.

CIÊNCIA CULTURA. Da SBPC. São Paulo, v. 1, n. 2, 1949. Disponível em <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003069&pagfis=47>> Acesso em 26 mar. 2022.

CIÊNCIA E CULTURA. Editorial. Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência, v1, n1 e 2, 1949.

COTTA, Luíza Cristina V. *Adhemar Barros 1901-1969): a origem do “rouba, mas faz”*. Dissertação (Mestrado em História econômica) 128f. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

DECRETO Nº 23337 de 15/07/1947.

FERNANDES, Ana Maria. *A construção da ciência no Brasil e a SBPC*. 2 ed. Brasília: UNB, 2000.

FERREIRA, José Roberto. É SBPC, mas poderia ser também SCPB – Sociedade Científica para o Progresso do Brasil. In: NADER, Helena Bonciani; BOLZANI; Vanderlan da Silva; FERREIRA; José Roberto Ferreira. (Orgs). *Ciência para o Brasil: 70 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*. São Paulo: SBPC, 2019.

FIORAVANTI, Carlos. Nasce a SBPC, cresce a ciência brasileira. In: NADER, Helena Bonciani; BOLZANI; Vanderlan da Silva; FERREIRA; José Roberto Ferreira. (Orgs). *Ciência para o Brasil: 70 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*. São Paulo: SBPC, 2019.

FONSECA, Cezar Dutra. Nem ortodoxia nem populismo: o segundo governo Vargas e a economia brasileira. *Tempo*. v14 n28). Jun 2010.

FRANÇOIS-SIRINELLI, Jean. Os intelectuais. In. REMOND, René. *Por uma História política*. (Org.). 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

FRAZÃO, Dilva. Vital Brazil. *Ebiografia*. Disponível em https://www.ebiografia.com/vital_brazil/ Acesso em 05 jan. 2022.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, 1988.

HERSEN, Amarildo; JOAY, Silvia; BORECK, Rosenilda. Os diferentes portes de indústria e sua contribuição de emprego no Paraná (1995-2010). In: HERSEN, Amarildo; LIMA, Jandir Ferreira de; STADDUTO, Jefferson Andronio Ramundo. *Industrialização paranaense*. Guarapuava: Eduni, 2013.

IBAÑEZ, Nelson; ALVES, Olga Sofia Fabergé. Afrânio do Amaral, conflitos entre a ciência e a política. Caso Butantan. *Cadernos de História da ciência*. São Paulo: Instituto Butantan. V14 n1, 2021.

INSTITUTO BUTANTAN. *Relatório de gestão*. São Paulo: Casa da Memória do Instituto Butantan, 1918.

MENDES, Marta Ferreira Abdala. *Uma perspectiva histórica da divulgação científica: a atuação do cientista divulgador José Reis (1948-1958)*. (Doutorado em História). Rio de Janeiro: FioCruz, 2006.

MENDONÇA, Sônia Regina. Estado e Sociedade: A consolidação da república oligárquica. In: LINHARES, Maria Yedda (et. al.). *História Geral do Brasil*. 10 ed. Rio de Janeiro, Elsevier, 2016.

OLIVEIRA, Fabíola. Você vai à SBPC? In: NADER, Helena Bonciani; BOLZANI; Vanderlan da Silva; FERREIRA; José Roberto Ferreira. (Orgs). *Ciência para o Brasil: 70 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*. São Paulo: SBPC, 2019.

PEREIRA, Matheus; ARAÚJO, Valdei. Reconfigurações do tempo histórico: presentismo, atualismo e solidão na modernidade digital. *Revista da UFMG*. Belo Horizonte, v. 23, n. 1 e 2, p. 270-297, jan./dez. 2016.

PEZAT, Paulo. O positivismo na abordagem da recente historiografia gaúcha. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.255-285, jan./dez. 2006.

PROGRAMA DA VII REUNIÃO ANUAL DA SBPC. Escola de Engenharia da Universidade do Recife, 1955.

PROGRAMAÇÃO DA IV reunião anual da SBPC. 03 de novembro de 1952, URGs, Porto Alegre.

RESUMO DAS COMUNICAÇÕES DA I REUNIÃO ANUAL DA SBPC. *Revista Ciência & Cultura*. V2, n1. São Paulo: SBPC, p. 29. O acervo pode ser consultado em <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003069&Pesq=jos%c3%a9%20de%20castro&pagfis=323>

SBPC. *70 Reuniões anuais da SBPC*. SBPC: São Paulo, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador D. Pedro II*, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Bruna. *Associações de historiadores no Brasil: a SBPH entre lugares, normas e grupos (1961-2005)*. Tese (Doutorado em História). Marechal Cândido Rondon: PPGH, UNIOESTE, 2019.

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes. Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas a Lula. *Revista de Nutrição*. Campinas, v18 n4. Jul/ago 2005.

Recebido em 25/01/2024
Aprovado em 24/02/2024